



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVOLÚCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODEABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE04912011GR



Gaiato

Quinzenário • 19 de Maio de 2012 • Ano LXIX • N.º 1779 • Preço: 0,33 € (IVA incluído)

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Queríamos ajudar!

DURANTE sete décadas criámos centenas de Rapazes nas nossas Casas, alguns deles vieram ainda bebés. Hoje são membros adultos na sociedade, trabalhando para o bem-comum, bem que ela lhes negara e que conosco alcançaram.

Com o passar dos anos muitos já partiram, deixando um rasto de integridade traçado pelo seu testemunho de vida.

O cume que uma vida humana pode atingir, está na proporção com a doação que faz dela, até ao limite de dar-se por inteiro na vivência da sua vocação pessoal. A este cume chamamos santidade, e a ele também chegaram Rapazes que se fizeram homens nas nossas Casas. Acreditamos que houve filhos de Pai Américo que, à maneira dele, acreditaram na vida e perceberam que é no dá-la que a mesma se alcança e se adquire o seu sentido pleno e feliz.

Isto é a vivência da caridade, a experiência de vida que nos aproxima e faz semelhantes a Deus.

Não sei por que interesses se criam actualmente impedimentos à livre expansão da caridade, e se afunila a vida com critérios que não permitem o seu livre exercício. É do senso comum que havendo quem tenha necessidade de ajuda e quem se disponha a ajudar, a ordem estabelecida deve também colaborar para que se alcance o bem-comum. É o «dar a mão» que, nos dias que correm, vai espalhando em tantas situações o bem e a esperança que a mesma ordem estabelecida é incapaz de realizar.

Como referi no início, durante muitos anos acolhemos alguns dos nossos Rapazes quando ainda eram bebés. Hoje, para necessidades semelhantes ou crianças pequenas, somos obrigados a negar o acolhimento, e a deixá-las no colo de quem nos pede ajuda. E assim tem sido. Que mais podemos fazer? Indicá-las porventura às Organizações do Estado, quando quem nos pede ajuda não as quer entregar para adopção, que seria o seu futuro caso as acolhêssemos?!

O familiar pede ajuda, e nós estamos impedidos de ajudar. Para quem de direito, não é bem-vinda a nossa disponibilidade. Resta-nos apoiá-lo materialmente e esperar que no futuro a organização social esteja mais ao serviço das pessoas e não estas ao serviço dela. □

PENSAMENTO

Pai Américo

O Pobre é coisa tão santa, e tão divina a missão de o servir, que unicamente sabe o que diz quem for pobre ou servo deles; as experiências não se transmitem.

in *Pão dos Pobres*, 1.º Vol.

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Ovelhas perseguidas

ÚMARO já come à mesma mesa do seu irmão e com os outros companheiros de Caminho. Conseguiu deixar, rés-vés, a Guiné-Bissau, a sua terra muito instável, a que nos unem laços dolorosos, a 11 de Abril, um dia antes de mais um golpe de Estado. É cristão de desejo e esforça-se por aprender a Língua de Camões. Numa refeição comunitária, sentado à nossa direita, quando limpava bem o prato, de grãos de arroz, afirmou convicto: — *Não é bom deixar comida...*

Outro filho numa família nunca é um peso, mas um imenso desafio, jubiloso e também crucificante, de realizar a Palavra que se anuncia.

Era um Domingo, de Maio, e com Missa. Foram em paz; porém, a garotada mais aguerrida e atenta subiu em gritaria do redil das ovelhas para pedir socorro. Também com o *menino novo*, aproximámo-nos de uma cerca, a poente, com pasto verdejante, e a cena exigia intervenção urgente. Não era um lobo, mas um cão, solto, em correria desenfreada, tentando atacar uma ovelha indefesa. Como têm os seus abrigos próximos, libertino, entrou no ovil à doida, no encaço das ovelhas, e não largava uma delas. Os miúdos não aceitavam tal perseguição. Do carneiro fugiu ele a sete pés. Enquanto uns rapa-



As nossas Festas

TEMOS sido recebidos com muita amizade pelos Párocos dos locais onde vamos fazer os nossos espectáculos, e seus colaboradores. A «Festa dos Gaiatos» é um momento de encontro e convívio com os nossos Amigos, bem como uma oportunidade de darmos a conhecer aos novos a nossa Obra, particularmente o que nos distingue, nem sempre facilmente entendido, como «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes» vivida quotidianamente em ambiente de família.

Sem Família não há crescimento humano dos indivíduos e das sociedades. A realidade actual mostra-nos cada vez mais esta verdade, em que quem não a tem perde o condimento que tempera a vida, aqueles laços humanos fortes e duradouros que resultam dos laços familiares, naturalmente criados e sobrenaturalmente aperfeiçoados.

Esta edição d'O GAIATO sai no dia em que começamos a nossa *tournee* pelas localidades que a seguir indicamos. O livro «Obra da Rua» recentemente reeditado será, em alguns dos seus momentos, representado em palco pelos nossos Rapazes, ao que se juntarão os habituais números de variedades, tudo feito por eles, grandes e pequenos.

Eis a lista, ainda incompleta, dos locais onde estaremos:

19 de Maio, 21.30 h – Igreja de Ermesinde (Cripta)

27 de Maio, 15.30 h – Igreja de S. Pedro da Cova (Cripta)

2 de Junho, 21.30 h – Salão dos Bombeiros Voluntários da Trofa

9 de Junho, 16.00 h – Salão Paroquial de Valongo

16 de Junho, 21.00 h – Centro Social e Cultural da Paróquia de Valbom □

zitos sacudiam com um varapau o atacante, outros procuravam conduzir a tímida e assustada ovelhita ao afago do seu rebanho; o que veio a acontecer com umas valentes suas-delas e para gáudio geral.

Quando faltam pastores, as ovelhas podem dispersar-se e, na sua debandada, tornam-se presas fáceis, até de seitas destrutivas que exploram pessoas vulneráveis.

A simpatia por ambos os animais, naqueles momentos, desfez-se, não os impedindo de tomar partido pela mansidão, pois viram aquela agressividade. Certo é que no final da contenda até deram de comer ao (in)fiel amigo.

Nestes interesses da terra, elevamos o nosso pensamento, então, para tantas perseguições atroztes que actualmente muitos cristãos são alvo. No Médio Oriente, em África, na Ásia, entre outras regiões do Globo, estão na mira de conflitos

violentos. Isto é flagrante nomeadamente em Países populosos como a China e a Nigéria. Nesta zona, a violência já provocou mais de 10 mil vítimas e rastros de destruição. *Sangue de mártires é semente de cristãos.*

Neste resto de acolhimento, vão coabitando proveniências cristãs e muçulmanas. Contudo, as bulhas não provêm dessas marcas. Ora vejam porque, de quando em vez, se pegam uns com os outros: — *Está-se a rir de mim e chamou-me nomes...* Isto tem acontecido com uma *troika* caseira, que às vezes se enfurece: Betinho, Edgar e Djones.

Quando a Igreja é perseguida, o seu testemunho é autêntico e está verdadeiramente convencida de que não é mais do que o seu Senhor, que a resgatou com um preço muito elevado — o seu *precioso sangue*, derramado por todos.

Estamos também diante de sinais

de mentalidades confusas e ateias, que pretendem menosprezar a fé e a gratuidade do testemunho: amar até à Cruz. Evangelizar não é impor nada, mas propor com obras, para mostrar a verdadeira face de Deus, pois Jesus *passou fazendo o Bem.*

Naquela simples aflição, a tranquilidade só aconteceu quando a ovelha perseguida ficou sã e salva. Embora fragilizada, conseguiu estar protegida junto do seu rebanho. Foi bem defendida por gente nova, mas sozinha foi uma presa fácil.

Quando se é chamado desde cedo a dar a vida pelo Nome de Jesus, não se vive abandonado, mas conungase do mesmo cálice. Diante das ovelhas feridas e perdidas, certamente que despertam novas vocações, sem medo!

Será que, neste jardim voltado para o Atlântico, a Igreja também é incómoda? *Eu virei em socorro das minhas ovelhas...* □

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

AGRICULTURA — Com a maturação das favas, na semana passada, iniciou-se a sua recolha; assim, podemos beneficiar, na nossa alimentação, com sopas de favas e outros pratos que se possam fazer. Também na semana passada, recolhemos parte das ervilhas, que servem para minimizar a compra delas.

VISITAS — Nestes últimos fins-de-semana, visitaram a nossa Aldeia: O grupo de Escoteiros da nossa Vila e um grupo de Escoteiros do Porto. O primeiro, veio conhecer melhor a nossa Casa para compreender a nossa pedagogia; o segundo grupo, conviveu connosco, trouxe donativos e ainda partilhou a merenda com os nossos rapazes. Recebemos, também, um grupo de Catequese que veio para nos conhecer e aprender com a nossa forma de vida e, como tem sido habitual aos nossos visitantes, deixaram donativos e partilharam a sua merenda.

ENSAIOS — Os rapazes das Festas estão cada vez mais frenéticos com o aproximar das apresentações; para tal, estão a aprimorar os seus papéis — e a primeira Festa é hoje, 19 de Maio, na Cripta da Igreja de Ermesinde.

TROPA — Um dos rapazes, o Manuel Meirinho, fez, no ano passado, as provas para a tropa e este ano foi chamado. Neste momento, já se encontra no Quartel de Gaia, na Serra do Pilar. Boa estadia e bom trabalho!

Zé Reis

DESPORTO — Depois de termos jogado em Casa e termos ganho, fomos, agora, a Resende (capital da boa cereja), perder com o clube local. Um jogo nada fácil para os nossos Rapazes. Um campo com uma relva espectacular, mas de dimensões a que nós não estamos habituados: medida máxima. Com uma tarde de chuva e a ver-se o rio Douro lá ao fundo, como que se fosse um fio, dá para ver a altitude a que estávamos a jogar.

Fizemos uma primeira parte que mais parecíamos os «infantis» do que os Juniores. Por vezes, não dá para entender... Temos capacidade para fazer mais e melhor, mas... parece que ficamos perdidos no tempo. Ao intervalo fomos para as cabines a perder por 3-0. Depois do «chá»..., no balneário, tudo foi diferente. Ainda marcámos dois golos, por intermédio de Joaninha, mas não foi o suficiente para dar a volta ao resultado. Quem nos valeu, foi o nosso guarda-redes, Adilson que, para além de ter defendido uma grande penalidade, fez defesas quase insuperáveis. Esteve em grande e safou-nos de uma verdadeira goleada. Os rapazes de Resende nunca gostaram de misturar «alhos com bugalhos» e pelos vistos, continuam a não brincar em serviço. Lá diz o ditado: «pão, pão; queijo, queijo. Com coisas sérias não se brinca!...». E eu estou de acordo: não se pode brincar com o esforço dos colegas que trabalham em prol da equipa; não podemos, nem devemos, andar, em campo, a fazer demonstrações de futebol, sem resultados positivos para a equipa.

Agora, vamos parar uma semana para se refletir e pensar melhor naquilo que temos que fazer.

Alberto («Resende»)

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGROPECUÁRIA — *Abril frio e molhado enche o celeiro e farta o gado.* Assim aconteceu e continuou em Maio. Por isso, os caules da cultura de aveia cresceram um bocadinho nos nossos terrenos. Apanhou-se mais erva para as ovelhas no terreno da horta. Tem-se debulhado milho regional e moído para o gado. No celeiro do milho, consertaram-se alguns barros. Junto ao estendal, arranjou-se um pequeno jardim, aproveitando uma vedação antiga; e pôs-se uma protecção para evitar quedas, perto da pocilga. Arranjou-se o jardim na encosta ao lado da nossa Escola. Temos uma ninhada de coelhos.

CATEQUESE — É bem preciso conhecermos Jesus. A Prof.^a Helena e a D. Cecília têm dado catequese às quintas-feiras, pelas 18.30h, em duas salas da nossa Escola. Vários Rapazes ainda não foram baptizados e também querem fazer a Primeira Comunhão.

PEQUENO CORO — Alguns Rapazes com mais jeito para cantar, têm ensaiado cânticos para a Missa, às quintas-feiras, pelas 18.30h, com o Prof. Carlos Manuel, para também participarmos nas celebrações. □

MOÇAMBIQUE

Américo Lucas Torres

1. Os nossos suínos estão a aumentar, na semana passada mais uma matriz teve os seus filhotes.
O Tomás ficou contente por assistir a mãe e os filhos.

2. Neste tempo, estamos a aproveitar para preparar os viveiros e semear a batata, esperamos em breve poder comer tomate, couve, cebola e cenoura da nossa machamba.

3. Neste Domingo tivemos uma grande surpresa, o nosso *tio*, Engenheiro Alves, convidou-nos a um passeio, todos os mais velhos puderam passar um dia diferente pela cidade, ver as lojas, praia, um delicioso almoço, enfim temos a certeza de que alguém gosta de nós, ficamos impressionados com o carinho do *tio* Engenheiro Alves para connosco.

4. Começa o tempo fresco, resta-nos ter a coragem de acordar cedo, deixar as mantas e enfrentar o nosso dia-a-dia. Pelas manhãs, tudo escuro até as 6h00, e à tarde a partir das 17h00, o sol já desaparece.

5. A nossa equipa de futebol começa a ganhar pontos. Estamos a preparar a segunda volta do Campeonato Juvenil. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

CUIDAR DE SI E CUIDAR DOS OUTROS — Falava, há dias, com uma pessoa amiga que, desde há muito, quase não tem feito outra coisa senão trabalhar em prol dos outros, de várias maneiras. Não foi, por isso, que deixou de ter uma família feliz e de criar descendentes bem formados.

Colaboramos, os dois, num mesmo projecto social, para o qual é preciso pedir a colaboração de uma pessoa, cujo perfil técnico para aqui não interessa.

O que para aqui interessa é o facto de eu ter sugerido a essa pessoa amiga que, para isso, se pedisse a colabora-

ção de alguém que ambos conhecemos.

Quando fiz esta sugestão essa pessoa amiga disse-me que não valia a pena pedir essa colaboração porque a pessoa em questão, apesar de ter muito tempo disponível e de já ser relativamente rica, nunca trabalha pro bono. É, pois, uma pessoa que já tem dinheiro que chegue e que sobre para si. Também já tem dinheiro que chegue e que sobre para a sua filha única. Para justificar não trabalhar pro bono, diz que agora precisa de trabalhar para a neta.

É verdade que não devemos descuidar os nossos para cuidar dos outros, mas há

LAR DO PORTO

Casal vicentino

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Queremos, em primeiro lugar, agradecer a todos os que nos ajudam e apoiam o nosso trabalho. São gratificantes, para todos nós, as vossas mensagens de encorajamento, porque, neste momento, as queixas dos nossos pobres são imensas, tentamos ajudá-los dentro das nossas possibilidades.

A crise bateu à porta de novas famílias sem pedir autorização, e, agora, têm que arcar com sacrifícios e restrições — e que nada contribuíram para a mesma.

É frustrante que sejam sempre os mesmos a pagar os erros dos nossos Governos, mas vamos pedindo a Deus que ilumine as mentes de quem de direito, para que não se esqueçam daqueles que mais precisam e que não lhes tirem o pouco que tinham.

Alguns Leitores questionam quem

somos nós, uma vez que não nos acompanham desde o início; portanto, informamos que a nossa Conferência pertence à Sociedade São Vicente de Paulo, apesar da nossa ter uma característica diferente, é composta só por casais Gaiatos, e não estamos ligados a nenhuma Paróquia, moramos em Zonas diferentes e damos apoio a famílias carenciadas no Porto e Gaia. O nosso local de reuniões é no Lar do Gaiato no Porto e somos apoiados, quando precisamos, pela Casa do Gaiato de Paço de Sousa que é o nosso elo de ligação. O nosso trabalho é ajudar e apoiar quem mais precisa e não olhar a quem.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Angelina Mendes, 20€; Assinante 22890, 50€; M^o Luísa, 25€; Anónima, Rio Tinto, 40€; M^o Inês, 66€;

que reconhecer que há aqui muito egoísmo. É preciso encontrar um equilíbrio entre as duas coisas. Pode não ser fácil e podemos, às vezes, descambar mais para um lado ou mais para o outro, mas temos que fazer esse esforço. Se não for assim, o mundo irá por mau caminho. Os tempos que correm pressionam as pessoas a olharem só para os seus problemas e a cuidarem só de si próprias. É preciso resistir a essa tendência.

O incentivo dos nossos leitores ajudamos a resistir a essa tendência.

Os nossos contactos:
Conferência de Paço de Sousa,
A/C Jornal O Gaiato,
4560-373 Paço de Sousa
E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt
Telem.: 965464058 □

Anónima, o seu donativo entregue no Lar; António Fernandes, 50€; Alberto Fontes, 170€. Por transferência recebemos: David Moreira, 50€; Manuela Correia, 40€; Conceição Malaquias, 100€; Roberto Martins, 50€; Fernando Silva, 7€; Cristina Pinto, 18€.

Informamos que qualquer Banco pode fazer a transferência para a nossa conta (esta dívida foi levantada por alguns Leitores).

Em nome dos nossos irmãos carenciados o nosso agradecimento.

O nosso NIB:
00100004417802000158.

O nosso endereço:
Conferência de S. Francisco de Assis
Rua D. João IV, 682
4000-299 Porto. □

DA VINHA E DOS FRUTOS

Padre Quim

CONSERVO na memória as lembranças vivas pintadas a cores e carregadas de luzes daquele olhar primeiro que me hipnotizou, quando naquela tarde fria e chuvosa cheguei à nossa Aldeia de Paço de Sousa. Na entrada um monumento dedicado ao Fundador, me fez perceber que aos poucos me aproximava da raiz da grande árvore, que é a Obra da Rua, a cuja sombra milhares de pobres, sobretudo crianças abandonadas, encontraram abrigo e aconchego, num ambiente natural e familiar onde se possa crescer saudavelmente, em todas as vertentes reconhecidas para o crescimento e amadurecimento humano. Chegando mesmo, muitas vezes, a desenvolver capacidades extraordinárias para a arte e para o estudo principalmente, facto este que seria quase impossível se pelas ruas passassem o tempo a deambular, feitos representantes e heróis de muitas misérias causadas por outros que delas se deveriam envergonhar. E bastava fechar o coração não deixando que nele se hospedassem males maiores, para que a revolução viesse a ser na forma inversa. A possibilidade da instauração do império do amor, tornar-se-ia uma realidade mais do que evidente.

Toda a obra encontra a sua raiz no amor. Ele vem do alto e tem a sua expressão mais sublime no nosso próximo, a quem o Senhor da Messe nos manda amar, tanto como a nós mesmos. É claro que primeiro a Ele, Senhor, Autor e consumidor de toda e qualquer obra. Todo o louvor Lhe seja dado. “Tudo o que vive e respira louve ao Senhor”. Pois a força dinamizadora da história é o amor e os seus muitos frutos de bem carregados num único óbolo.

E se compreendêssemos esta verdade?

O egoísmo e a ambição que dominam e a mentalidade actual e criam graves problemas sociais, há muito seriam factos do passado. O pão só não chega para todos por haver quem não tenha a coragem de partilhar o pedaço que tem nas mãos, ou quem se atreve é em escala muito reduzida.

Da raiz cresceu a árvore e não temeu as contrariedades e as intempéries surpreendentes das sociedades, lançou os seus ramos que continuam a crescer ainda hoje, para o espanto do mundo que há muito e ao longe acompanha o milagre da recuperação do *farrapo da rua* em pedra preciosa para a construção dum mundo novo. Unidas ao tronco e ao espírito do fundador, vão espalhando a sua sombra aos que não tendo quem as acarinhasse desde o berço, têm, agora, uma grande e diversificada família na unidade. Sim “permanecei em mim e eu permanecerei em vós. Todo aquele que permanece em mim dá muito fruto”. Dizia o Mestre dos mestres.

Embora sejamos muitos e a árvore tenha dado muitos ramos, pertencemos à mesma origem que fez germinar a semente do mandamento novo. O diversidade no seio da família deve supor sempre unidade e enriquecimento da mesma. A pobreza ainda une mais as pessoas. É o nosso ponto de convergência. Ela não carrega em si a marca da competição e da febre ardente do ter, sabe contentar-se com o pouco, o que não quer dizer que seja sinal de conformismo ou preguiça. O cristão autêntico jamais se separará de Cristo, mas se assim acontecer, o ramo secará por se desligar da fonte que o sustenta e o faz ser o que é. Muitas pessoas pretendem ser cristãos sem Cristo. Loucura declarada! E inconveniência de se ter

um dia nascido cristão pelas águas do baptismo. Quem não está unido à árvore morre por opção. Deixa de receber o essencial para tomar parte com ela. A identidade dos pobres é a unidade, só com ela se poderá sentir menos pesado o fardo que tem de suportar todos os dias. E ainda mais nestes tempos difíceis em que a generosidade deixou de ser conhecida por muitas pessoas, com medo de que amanhã lhes venha a faltar o pão. A lição dos pobres se encontra na oração do Pai-nosso, que nos ensina a pedir cada dia o pão necessário para saciar a fome, e abrir o horizonte para desejar o alimento espiritual, aquele que não perece, mas que dura até à eternidade. Isto supõe despojamento e confiança naquele que dá alimentos às aves do céu e faz vestir as ervas do campo com os melhores trajes, nunca antes visto e jamais conseguido pela moderna ciência da moda.

Há já alguns dias, veio um grupo de estudantes fazer uma excursão à nossa Casa e se admiraram de não terem visto nenhum rapaz a andar dum lado para o outro a passear; eu disse-lhes que aqui todos trabalhamos e damos contas da nossa responsabilidade, mesmo aquela que seja a mais humilde de todas. Pensavam equivocadamente que o garoto trazia a rua e a procissão dos seus vícios para dentro de casa, ou que a família encontrada aqui fosse uma prolongação das pegadas viciosas das ruas. O milagre acontece inesperadamente todos os dias em cada um deles.

A vinha é de Deus e os ramos continuarão a ter vitalidade enquanto permanecerem unidos a ela. Sendo de Deus, a Sua predilecção recai sobre os Pobres, os herdeiros do Reino, por excelência. Os corações generosos podem unir-se a ela sendo, assim, cooperadores da modelagem que o Oleiro Supremo está a realizar em cada Rapaz que a Obra da Rua acolhe. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

ONTEM foi um dia de chuva, muita chuva todo o dia!

Estranhamente, parece que quanto mais chovia, mais os Pobres apareciam, fazendo fila uns atrás dos outros, e quanto mais o dia ia avançando, maior a fileira se apresentava.

As Senhoras estavam esgotadas. Os problemas tornam-se cada vez mais apaixonantes.

Fora pão, fruta, legumes e roupa, já não temos que dar. A grande remessa dos funcionários e colaboradores da PT, já desapareceu. Uma paleta com 740 litros de leite, que fui buscar perto de Vila Franca, acabou.

Sobretudo as mulheres desamparadas, com filhos agarrados a elas, é o que mais me dói. Quando arranjo solução para um caso, é um alívio, nem que custe dinheiro. Mas quando as situações se apresentam irresolúveis, entro em angústia. Invade-me a escuridão e sofro, sofro, sofro. Quantas vezes me apetece morrer?!

As forças do mal aparentam tanta fúria, tanto disfarce e tão à-vontade e o alheamento geral à Pobreza é tão vasto, que a nossa reacção é quase de desânimo, pela incapacidade física de acudir a cada circunstância. No seu tempo, o Padre Américo gritava: «A miséria vence. Somos uns derrotados».

Ela já aqui tinha estado por duas vezes. Agora voltou a chorar, pedindo que lhe pagasse, ao menos, um mês de renda da sua casa que, se não, ia para a rua com os dois filhos.

Já lhe tinha pago dois meses. — *Agora não. Não pago mais. Já te ajudei. Não posso acudir sempre.*

Foi uma casa de construção social, vendida pela entidade que superintende, a uma emigrante na Suíça. Ela arranhou-a, mobilou-a e agora arrenda-a. Trezentos e quarenta euros mensais, é um bom juízo, mais de 20 por cento ao ano, para quem não chegou a gastar vinte mil euros, com a compra, o arranjo e a mobília.

As habitações sociais representam um grande encargo para as instituições que as governam, bem o sabemos. O melhor para todos, é fácil de entender, seria que os habitantes comprassem, para morada da sua família, a casa que lhe é atribuída, mas se isso não é possível, nunca deveria ser lícito que alguém aproveitasse, para ganho próprio, um bem que é social e que deve ser preservado a todo o custo.

Num dia de tanta humidade, ela chegou logo de manhã com as duas crianças, um menino e uma menina.

As Senhoras da Casa ampararam-na, deram-lhes o pequeno-almoço e o almoço.

Quando eu cheguei, aproximaram-se de mim logo a advogar a causa: — *Que a senhoria a tinha posto na rua, com as suas roupinhas. Que as crianças vinham cheias de fome. Que ela tinha tentado entrar numa casa para se recolher, mas que, chamada a polícia, foi obrigada a sair e não tinha onde se abrigar.* — A chuva caía no chão e mais ainda na minha alma. E as senhoras continuaram: — *As crianças são tão lindas e tão educadinhas.*

— *Que posso eu fazer?* —, irrompi, perguntando à desgraçada.

— *Eu conheço uma senhora que aluga uma casa velha por 150 euros, mas ela não tem portas nem janelas.* — Disse timidamente a pobre mulher.

— *Vamos ver.*

Peguei neles, e entrámos na cidade. Ninguém adivinhava as minhas aflições. Eu ia tão mal-disposto. A vida rodopiava alheia a estes dramas. A chuva continuava a cair. Depois de algumas voltas, chegámos. É uma rua de casinhas baixas, ligadas umas às outras por detrás da Torre de S. Bernardo. Parámos em frente, e a minha companheira foi abrir a porta, fechada apenas por um cordel.

Entrei, mas a água era tanta no lajedo, a cair do teto com os forros todos podres, que me arpeiei e não fui capaz de a deixar ali com os filhinhos.

Continua na página 4

SINAIS

Padre Telmo

ACABO de dar uma volta pelos viveiros e horta com o Manuel. Ele é um apaixonado!, já nos brindou com feijão verde e rabanetes. Com alegria, mostrou-me os canteiros de tomate, couve, pimentos e duas filas de bananeiras. — *No cacimbo regaremos com a água da lagoa* —, rematou com emoção.

No regresso, encontrei no largo da nossa Aldeia os três meninos que vieram ontem. A mãe perdeu o tino. Viviam na rua. Depois do almoço, o Mariano — o mais pequeno — roubou um telemóvel e fugiu para a cidade.

«Fazer de cada rapaz um Homem», como disse Pai Américo, é uma tarefa difícil — mas apaixonante — neste ambiente onde o álcool é rei. Mesmo ontem vi chegar um camião e a descarga de caixas de saquinhos de uísque. Jovens e jovens compram, abrem buraquinho no plástico, depois a boca — e o fio d'ouro entra e desce até embrutecer. O álcool é rei — domina e dita. Nos centro comerciais, pelo chão e estantes, vemos montes de caixas — cerveja e vinho.

Será que é assunto da Assembleia o amarfanhamento de tantos cérebros jovens?!

À noite, Padre Rafael chamou o Mariano e falou-lhe, com calma, na gravidade do roubo. Não é habilidade, é feio.

* * *

O Sambumba é uma criança franzina — mas um tagarela de primeira. Seu pai, foi assassinado brutalmente; sua mãe, é alcoólica. Há meses, veio para nós. Ele disputa com os outros o nosso colo. Por vezes, tornava-se agressivo e, por uma palha, tirava a camisa e lutava com o «Sida» e o «Pesadelo» — acompanhando os socos com enormes palavrões. Está mais calmo. As lutas quase cessaram e os palavrões fugiram.

Anda sempre carregado com os cadernos da escola e um carrão que recebeu, por dançar bem.

* * *

Vimos a Portugal, Padre Quim e eu. Ele, para conhecer a Obra e os nossos Padres; eu, para preparar um contentor.

Disse-me um amigo, oferecendo com relutância:

— *Angola é uma terra tão rica. Multiplicaram-se os arranha-céus.*

— Mas, mais ainda os muceques —, respondi.

Além disso, temos muita roupa oferecida nas nossas Casas que aproveitamos.

Em oficinas fechadas, há máquinas de que precisamos.

Não conseguimos, ainda, vacas leiteiras e os nossos cento e trinta rapazes tomam leite todos os dias.

Há sempre um gesto de bondade no teu coração — que se faz migalha — da qual faremos pão. □

«GOSTAVA DE VER A MINHA MÃE...»

Padre João

NO primeiro Domingo de Maio, é celebrado o Dia da Mãe. As redes sociais, nomeadamente, fazem deste evento um eco de profunda ressonância da alma humana. Nem podia deixar de ser, tanto mais que o tempo cultural em que vivemos mergulhados, votou a célula familiar ao “desgaste” e ao ostracismo a níveis dolorosos e de consequências catastróficas. São as crianças indefesas, mesmo e principalmente antes de nascer, ou confrontadas com uma infância infeliz, as grandes vítimas de toda esta conjuntura cultural anti-família.

Feliz dia, este, o Dia da Mãe! Que bom e necessário fazer dele, uma memória bela e fecunda em pleno Maio florido e primaveril — Maio, Mês da Mãe, Mês de Maria, Ave-Maria!

Ressente-se o odor primaveril deste nome e não pode deixar de lamentar-se a falta de vida, condizente, neste hemisfério norte, de inverno demográfico preocupante e rigoroso...

Ao folhear o *Páginas Escolhidas* — colectânea de textos, do mais belo e actualíssimo acervo literário do Padre Américo — deparei-me com um deles, de refinado e humaníssimo valor; digno de meditação, verdadeiro unguento para a alma de pais educadores dos nossos tão conturbados tempos. Eis, pois:

«*Gostava de ver a minha mãe. Disse-me. Eu respondi que sim, unicamente aconselhei a Primavera. Será melhor na Primavera. Temos agora a distância. Temos o frio. ‘Tu és doente’. O Rapaz acede. Olha-me na face, resignado e fala de si para si: ‘eu só queria dizer mãe. Chamar-lhe mãe. Ó mãe. Ó minha mãe’. Eu estava silencioso, a escutar estas grandezas da alma. O Rapaz continua na sua santa e meiga fraseologia: ‘como será dizer agora mãe? Eu era pequenino quando saí de ao pé dela!’ E murmurava: ‘mãe, mãe!’ Mas isto encerra um mundo de Beleza e de Verdade! Andamos todos à procura das coisas grandes e não vemos a verdadeira grandeza das pequenas. Este Rapaz que era ontem lixo das montureiras, prega hoje ao mundo sábio o conceito verdadeiro e divino da família. Tem-no escrito na alma: ‘ó mãe, ó mãe!’ O nome que enche o mundo!*

O Rapaz deixa-se ficar. Não tem pressa de sair do escritório. Pois se ele vê em mim a ponte por onde há-de ir até junto de sua mãe! Quando colhe a certeza de que irá, a seu tempo, visitar quem deseja, continua a expor: ‘Mas olhe que eu não quero ir sozinho. V. há-de ir comigo para me tornar a trazer’. Oh medo! Oh fraqueza! Forças estas que, sendo sinceras, não há nada que as vença nem ninguém que lhes resista! Sim. Eu vou com ele. Eu sou o servo destes Rapazes. Eu quero ser testemunha; ver a que sabe e como soa na boca deste filho saudoso o doce nome de mãe...». □

SETÚBAL

Padre Acílio

Formação humana e religiosa

COM os mais velhos, os do meu grupo de catequese e o da D. Lina, fomos passar um fim-de-semana, de sexta-feira a Domingo, na nossa casa de férias da Arrábida. Pedi aos Rapazes que fossem todos, que seria também uma forma de aliviar. Que não iríamos ser exigentes e que iriam gostar. Mais ainda, que a nossa casa e aquele ambiente único em beleza, em ar e em silêncio, com o microclima envolvente, precisa ser apreciado pelos gaiatos, fora do tempo quente. Os Rapazes ouviram. Eram vinte e dois, e só quatro ficaram em casa por motivos justificáveis, enquanto um, não quis mesmo ir.

Claro que o encontro tinha um peso religioso e humano. A Lina e o seu marido, organizaram os temas, apresentaram-nos aos Rapazes em conversas, palestras, em passeios e caminhadas, na rota da luz, que é o Senhor Ressuscitado.

O mar a bater nas rochas, a gruta de Santa Margarida com histórias tão gloriosas e tão tristes, as inúmeras flores silvestres, de tantas e tão variadas cores, formas e tamanhos, a história bimilenária que a Serra contém, as suas escarpas e a vegetação encerram uma pré-dica viva que entra facilmente pelos poros sensíveis de cada Rapaz. Deus manifesta-se nas suas obras ao longo dos séculos e das gerações.

A natureza é o livro mais belo e mais sábio dos homens. Aproveitá-la é dar fundamento às convicções que a fé inculca na consciência humana.

David Veia, pelo telefone, deu o recado que uma senhora sua amiga e colega, tinha uma mobília para dar; mais um esquentador e um fogão de

cozinha, instrumentos preciosos e raros para levar aos Pobres.

O Sábado é um dia sem folgas para mim. Só ao Domingo, que a dona da mobília trabalha durante a semana.

Pedi aos carpinteiros e ao Vasco que me acompanhassem, e lá fomos os quatro carregar os móveis.

Era Domingo, à tarde. Os Rapazes, livremente, viam televisão, jogavam, passeavam de bicicleta, divertiam-se no bar e alguns mais briosos, estudavam.

Trabalhar neste dia e àquela hora, exigia um grande sacrifício da parte dos Rapazes, mas não regatearam e disseram que sim, logo à primeira, sem qualquer insistência minha, o que me causou enorme alegria.

A tarde era de sol, após uma semana bastante encoberta. Encostei a camioneta, com alguma dificuldade, os Rapazes saíram e muitos mirones começaram a espreitar. Alguém me conheceu e alegremente me veio falar: — *O Senhor é que casou os meus pais.*

Toda a gente ficou a saber quem era e o que fazia ali.

Foi difícil e demorado carregar, pois descia uma estreita escada até ao estacionamento do transporte.

Um padre a trabalhar com os Rapazes, para os Pobres, num Domingo à tarde, era motivo de escândalo farisaico. Mas para aquela gente e para os Rapazes transformou-se em culto divino e em ensino evangélico.

A tarefa era carregar e descarregar. Por falta de espaço em Casa, para nós é mais fácil e mais agradável ir colher e levar logo aos Pobres. Era o caso daquele Domingo.

Uma pobre com seis filhos veio transmitir-nos a alegria de ter arran-

jado uma casa grande e não tinha nada para lá pôr dentro. Sim. Seria para ela a carrada da mobília: dois quartos, sala com sofás novos, de pele, cadeiras e roupeiros. Uma riqueza para quem não tem nada!

Quando viu a carga da camioneta, começou a saltar e aos gritos. Na rua apertada e muita gente saiu à janela. Era já perto do sol-posto. Houve, até, quem viesse tirar o seu veículo para podermos passar.

Depois, foi o transporte para o terceiro piso. O elevador não oferecia confiança e os Rapazes preferiam subir as escadas. Eu não tive medo, subi e descí várias vezes sem que nada me acontecesse.

Descarregámos logo os móveis dos quartos, mas o resto estava suspenso no meu critério. Fui ver a casa e deliberei deixar tudo. A casa não tem chão, é cimento à vista.

— *O chão é de cimento.* — Disse à pobre, para a consolar.

— *É muito melhor que uma barraca.* — Respondeu jubilosamente. E agarrava-se a mim para agradecer.

— *Ó mulher deixe-me!*

— *Mas eu queria agradecer-lhe.*

— *Dê graças a Deus, que é por Seu Amor que nós lhe trouxemos tudo isto. Só a Ele!*

— *Mas olhe que toda a gente vai saber que o “padre gaiato” me deu uma mobília para a minha casinha!*

Será isto pré-evangelização?! Será a Nova Evangelização?!

O que sinto é que Deus esteve presente em tudo e a Sua Face brilhou.

Faz tão bem aos Rapazes empenharem-se em acções sacrificadas e meritórias como estas. Assim se fazem os Homens e os Cristãos. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

NÃO fosse a Fé na palavra de Deus, não conseguiria sair das incessantes preocupações e incertezas, causadoras de não pequenos sofrimentos. Inesperadamente, mas é a hora de Deus, encontro na Sua palavra uma pura semente de alegria, o segredo da vida e da esperança. É o que me vem à alma neste tempo da Páscoa. É o que nasce desta vida, tão dependente dos Rapazes, quando eles são capazes de mudanças profundas.

O Armino chegou aqui com quatro anos. Nas primeiras noites, dormia agarrado às costas do mano Vicente, este a terminar agora licenciatura em Laboratório. Com muito carinho cuidava dele e ficava até altas horas a contar histórias tristes que viveu e sempre terminavam com um relato de futebol.

A sua caminhada foi muito insegura e agudizou-se depois dos catorze, porque ansiava uma família. Encontrado um tio, nada conseguimos esclarecer do seu passado. Suspeitando o pior, dados os relatos que fazia ao mano Vicente, pedimos ajuda ao Gabinete de Acção Social da Polícia e lá, diante do tio, disse: «Este meu tio, matou a minha mãe e o meu pai, e não quero vê-lo mais na minha frente».

Regressou, mas sempre com

aquela de querer viver numa família. Nas férias escolheu a família e, após duas semanas, regressou com uma grande decepção: não era capaz de viver naquele espaço. Com o crescimento, a sua agressividade cresceu e ele próprio começou a escolher aqueles que achava que gostavam dele, mas o rejeitavam pelo seu temperamento. Mais frustração. Por fim, aceitou estudar num Internato, perto do mano Vicente. Ao fim de um ano, voltou a nossa Casa, já com a cabeça mais arrumada. Hoje é o nosso chefe-maioral. Muito firme na manutenção da ordem, muito seguro no que transmite aos seus irmãos. É ele que preside à oração na Capela, ao fim da tarde, ouve as queixas de quem quer dizer alguma coisa que correu mal no dia e faz as correcções devidas. Nem precisamos de interferir, lembrando-nos de quantas vezes tivemos de o fazer por causa da maneira agressiva como falava aos outros. Por isso, o segredo da vida e da esperança está sempre em semente dentro de mim.

É com esta semente de alegria que se trabalha nesta Casa, vivendo também as dificuldades dos nossos trabalhadores. No Domingo passado, o nosso auxiliar de enfermagem perdeu a mãe que saiu da cama para acudir ao homem bêbado,

agredido por dois companheiros em igual estado, que teimavam em ficar em sua casa. Ele e outro irmão empurravam-nos para fora, quando um deles puxou de uma faca e atingiu, no pescoço, a mãe que se esvaiu em sangue. Quando lhe ouviu «Ai meu filho que vou morrer», correu atrás do assassino. Consegui agarrá-lo e entregou-o à polícia; no terceiro dia voltou à Aldeia. Claro que o nosso auxiliar de enfermeiro teve de ser ajudado material e psicologicamente. Outro antigo trabalhador, por idade dispensado, para que a Segurança Social lhe dê reforma, temos de lhe pagar mais um ano. Tantas queixas tem feito de nós que o Tribunal não lhe presta atenção. E não podemos libertar-nos senão pagando mês a mês. Poderia falar de tantos que nestas horas de aflição ficaram também aflitos, sem trabalho ou nós sem ter ainda possibilidades de lhes pagar as indemnizações e vamos dando salário sem que estejam ao serviço da Casa.

É com essa semente de alegria que embalamos os sonhos dos nossos Rapazes, que se vão abrindo e sorrindo para nós, confortando-nos com a esperança da mudança que se vai operando neles, tomando consciência cada vez mais clara que a semente não é nossa. É na dor que se encontra a pura alegria, o segredo da vida e da esperança. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Não há amor sem partilha

ESCUTEI, na manhã deste dia, a Palavra muito instrutiva e comprometida: «Aquele que tiver bens deste mundo e vir o seu irmão em necessidade, mas lhe fechar o próprio coração, como é que pode morar nele o Amor? Filhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com factos e em verdade». Estamos diante dum foco de luz muito forte. Quem dera não escolhêssemos outro caminho da nossa vida! É difícil? Quem duvida? É, porém, a única direcção certa e segura. A experiência é o livro da confirmação desta verdade. Ontem, mais duma centena e meia de homens e mulheres que dependem da nossa mesa para o seu sustento mensal, há muitos anos, receberam, em suas mãos, o pão que os alimenta. Uma interrogação inquietou-me: Até quando será possível? Os filhos ficaram em casa e têm o que é necessário para o seu crescimento. É um peso muito grande da nossa vida. Queremos carregá-lo, também, com muito amor. Será possível unicamente com a vossa ajuda. Pertencem à família de fora das portas da nossa Casa do Gaiato. Esperamos continuar a seguir o mesmo caminho. Os filhos que estão dentro não ficarão prejudicados. É a partilha familiar que abre a porta à vivência fraterna na sociedade.

Chegou-nos, há dias, pelo correio, uma mensagem alentadora: «Sou leitor e assinante d'O GAIATO. Quero deixar aqui o meu apreço e enviar um abraço forte de gratidão a todos os Pais das diversas Casas do Gaiato, cá em Portugal, bem como em Angola e Moçambique, assim como para todos os rapazes e colaboradores das Casas de Pai Américo, pois têm feito, efectivamente, um trabalho notável e gratuito, em favor dos mais carentes, necessitados, abandonados, etc...» É, sem dúvida, uma forma de estar presente na nossa vida. Agradecemos. A realização desta Obra não seria possível, nem poderá continuar, sem o cumprimento da Palavra do início destas Notas. É o Amor e só o Amor, traduzido em factos e em verdade, a causa de tão grande maravilha. Este testemunho é belo. Estamos muito necessitados, nesta hora, da vossa mão estendida, bem agarrada ao amor do vosso coração. Uma boa amiga pediu-nos o número da nossa conta bancária, pois queria enviar-nos uma ajuda. Pode enviar-nos por cheque em nome de: Casa do Gaiato de Benguela. A carta pelo correio traz o seguinte endereço: **Casa do Gaiato de Benguela, C.P. 820, BENGUELA, República de Angola.** Tudo o resto é muito simples. Obrigado!

De vez em quando, recebemos a visita, muito simpática, de jovens estudantes dalguns estabelecimentos de ensino. É uma oportunidade para nos conhecermos mutuamente. Os corações vão, sem dúvida, tocados pelo amor aos filhos que não tiveram a felicidade dum família natural, animada pelo amor, como eles tiveram. É um momento saudável para as suas vidas. Na conversa em comum, falámos da árvore que é a Obra da Rua, plantada no coração de Pai Américo, pelo agricultor que é o Pai do Céu. Um dos ramos é a Casa do Gaiato que cobre os filhos da rua, sem família ou tendo-a é como se não a tivessem. Outro ramo é o Calvário, casa de família dos doentes incuráveis, abandonados. Em Angola, falta esta coroa maravilhosa. Não há espaço humano para acolher estes filhos e irmãos. Andam pelas ruas. Morrem debaixo das árvores, ou nos vãos das escadas. E têm a mesma dignidade humana de cada um de nós! Quem dera o CALVÁRIO, em Angola! É um sonho que o Pai do Céu pode realizar. Quando? Como? As vocações são o segredo. O GAIATO é outro ramo que leva a mensagem desta árvore a todos os cantos do mundo. Tem um alcance admirável, pelos testemunhos que nos chegam. A partilha desta riqueza humana com os visitantes ajuda a transformar a sociedade em que vivemos.

Esta manhã, antes de me sentar para vos escrever, corri na direcção de duas empresas, à busca de emprego para os rapazes mais velhos. O encontro com os responsáveis foi, de veras, animador. Quem dera seja resolvido este problema grande da nossa vida! Os outros continuam à espera, ora com sinais de esperança, ora com o silêncio sem compromisso. Mas vamos continuar a bater às portas dos corações, com o nosso coração erguido e a cabeça levantada. As casas continuam à espera da ajuda para a sua recuperação. O nosso campo agrícola chama pelo tractor. Esperamos a vossa resposta. □

que recebe homens. O que não é ambiente para a minha menina».

— *Nem para a tua menina, nem para ti, nem para ninguém. Que nojo! Que esterco!* — Retorqui-lhe instintivamente.

— *Há dias* — continuava a desabaçar — *em que a minha amiga faz jantares. Vêm os homens e eu tenho de sair com a menina e dormir num lado qualquer!*

— *Se me arranjasse uma casinha?!*

— *Ó mulher, arranja-a tu! Eu pago-te a caução e o primeiro mês. Mas olha que tem que ser uma casa cuja renda possas aguentar. Depois não venhas gemer para mim.*

A gente ouve estes dramas e fica a pensar. A cidade tem muita pobreza. A maioria dos habitantes vive no seu mundo, alheia ao sofrimento dos outros. A miséria moral é arrasadora!

Ninguém imagina a multidão imensa que a teia da imoralidade envolve, engolindo em loucuras suicidas a dignidade humana.

A religião pagã da deusa Vénus, é a que tem mais seguidores nesta linda cidade do Sado. O que mais me dói é que tantas pessoas e meios sociais apoiem e promovam esta religião de baixos instintos, e tão poucos se afluam com as desgraças imensas que ela provoca. □

MALANJE

Padre Rafael

«Benditos os que crêem sem terem visto...»

AGORA, já não preciso de demonstrar a ninguém se confio, espero ou simplesmente amo. Já não necessito que alguém me demonstre que me ama, confia ou simplesmente espera. Pois aprendi a crer sem ter de ver. É como a luz transparente que ao acariciar qualquer realidade, a pinta com uma cor diferente. É o amor que ao abraçar o sofrimento, misteriosamente fortalece e cura, de maneiras diferentes. É a porta que ao abrir-se nos dá a possibilidade de procurar ou reencontrarmos aquilo que procuramos. É a Ele que nos mostramos quando nos sentimos reencontrados.

Hoje tivemos reunião de chefes. Entre os temas postos em cima da mesa, estava o de recuperarmos as convívências na Carianga. É necessário fortalecer a nossa vida de fé. A seguir, a possibilidade de

assistir às reuniões dos Catequistas das aldeias, para ver como podemos apoiar os mais fracos: anciãos, deficientes, crianças... Sempre há pessoas que vivem e passam pior do que nós.

Há dias, chegou-nos o Oliveira pelas mãos do MINARS. Consta que a sua mãe morreu e o entregaram ao Governo com apenas 4 anos. Ontem, recebemos o Mariano. Tem uma mal-formação no peito, não tem pai e a mãe sofre de algum transtorno.

O Fausto já foi submetido a um TAC à cabeça e os resultados não são nada animadores. A hemiplegia que sofreu há meses, foi causada por um dos tumores situados no cérebro; segundo os médicos, não há possibilidade de os extrair. Vamos enviá-lo para Luanda, a um hospital especializado em oncologia.

O Zé regressou de Benguela e se-

gundo o relatório médico vai continuar cego. Há uma possibilidade de poder ser operado em Cuba, mas precisa do consentimento e do apoio do Governo.

Pouco a Pouco as nossas hortas vestem-se de verduras. Lentamente, aproxima-se o tempo seco e o fim das chuvas. Quatro hectares de feijão e outro tanto de batata doce, tomate, pimento... Hoje, comemos feijão verde que Manuel «Barriças» cultivou com muito amor.

Na passada semana, Padre Telmo e Padre Quim viajaram para Portugal. Durante algum tempo, Padre Quim conhecerá as Casas do Gaiato de Portugal, e o Padre Telmo preparará um contentor para a nossa Casa de Malanje. Também querem dar um salto a Saragoça, Espanha. No regresso do Padre Telmo, será o padre Rafael a viajar para a Península Ibérica. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 3

Sim. Vou pôr um telhado novo, duas janelas, tapar os buracos das paredes, compor o que for possível nos forros e pôr portas nas divisões. Arranjar a instalação eléctrica e da água e a casa de banho que está sem torneiras nem autoclismo. Dar uma aparência agradável e aconchegada à casa e fazer depois com a senhoria um contrato que tenha em conta as obras aí realizadas. Sim. Vamos dar a mão a esta pobre mãe que, segundo relata, foi criada sem pais

e se juntou, muito novinha, com o pai dos seus filhos, que ela adora e ele desprezou — abandonando-a.

Mais uma me tinha vindo pedir o pagamento do infantário da sua filha, uma menina de dois anos. Devia quatro meses e eu paguei-lhe dois. Voltou aqui mais duas vezes e, não me encontrando, deixou recado, «que não lhe aceitaram o cheque. Tinha de ser um cheque para cada mês». Achei muito estranho. Não encontrava, dentro de mim, qualquer razão para tal recusa.

A mulher reaparece com o cheque na mão, e indignado, metia-a no nosso carro, e fui com ela à secretaria do infantário onde me esclareceram que era por causa das contas com a Segurança Social. Tinha de se pagar uma mesada de cada vez.

Enquanto fui e estive com a mãe solteira, procurei saber algo da sua vida: Como vive. O que faz. Com que se governa? «Que lava a loiça num restaurante, onde ganha pouquinho, que faz umas horas de limpeza e dorme na casa de uma amiga,